

UMA ANÁLISE DISCURSIVA DA FORMAÇÃO DO OPERÁRIO DA INDÚSTRIA CALÇADISTA DE FRANCA – SP

Carolina Sousa Nalini - Uni-FACEF
(Bolsista do Programa PIBIC – CNPq)

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Sheila Fernandes Pimenta e Oliveira - Uni-FACEF

1 Discussões sobre a história do setor calçadista

A cidade de Franca conta com uma média de 315.770 (trezentos e quinze mil, setecentos e setenta) habitantes, dos quais 184.000 (cento e oitenta e quatro mil) constituem a população economicamente ativa, distribuídos em uma área de 609 (seiscentos e nove) km² (IBGE 2006). Franca desenvolveu, desde o início do século XX, uma vocação para o setor coureiro-calçadista, uma vez que uma das atividades econômicas com predominância no município era a criação de gado que exercia um efeito multiplicador, incentivador de outras atividades. Os subprodutos do gado transformavam-se em bens comercializáveis, além da carne, existia o couro, de onde se tiravam os arreios, as selas, os forros de catres e de bancos, as botas e as botinas.

O setor industrial – principalmente a cadeia coureiro-calçadista, ou seja, as indústrias de calçados e de componentes é o grande gerador de empregos para a população francana.

Franca chegou ao final da década de 1920, começo de 1930, como a cidade do interior paulista com o maior número de estabelecimentos produtores de calçados. Em 1929, dos 65 estabelecimentos existentes no interior do estado, 12 eram sediados em Franca.

Foi, na década de 1930, que a indústria de calçados se fortaleceu e passou a constituir o ponto forte da economia de Franca nos anos seguintes.

Os industriais da época tiveram que buscar conhecimentos técnicos fora da cidade quando a produção começou a deixar de ser artesanal e passou a

ser mecanizada. Algumas empresas mandaram funcionários para estágios de aprendizagem no Rio de Janeiro para que depois difundissem os conhecimentos adquiridos ao restante dos operários.

É importante ressaltar que, nessa época, não existia nenhum curso onde se ensinavam as habilidades técnicas da fabricação do calçado. Essas habilidades eram divulgadas geração a geração e a aprendizagem se dava a partir do cotidiano de trabalho.

Uma característica da indústria francana que prevalece até os dias de hoje é a característica familiar. A indústria de calçados foi atraindo profissionais por meio de laços familiares. Então, o empresário chamava para trabalhar em sua fábrica, seus irmãos, cunhados, filhos sobrinhos, primos etc. Esses por sua vez, ao verem o negócio dando certo, sentiam-se muitas vezes encorajados a montarem seu próprios negócios. E se trabalhar com membros da família não desse certo, era só procurar emprego em outra empresa.

À característica predominantemente familiar, acrescentava-se um novo ingrediente, que iria marcar o setor coureiro-calçadista por um longo período: o fato de serem sociedade nas quais as associações entre parentes e/ou aparentados eram feitas e desfeitas na medida em que o negócio assim o permitisse. Donde se conclui que tanto a habilidade técnica e profissional, quanto a capacitação para gerir um negócio eram dadas dentro do âmbito da oficina que, em certos momentos, confundia-se com o da família (TOSI, 2003, p. 143).

Os anos 50 inauguraram uma nova fase no setor calçadista francano, o das grandes indústrias. Isso aconteceu devido ao estímulo ao desenvolvimento industrial dado durante o segundo governo de Getúlio Vargas de 1951-1954.

Com isso, a indústria de calçados francana foi ganhando força e destaque no cenário nacional, chegando a ganhar o título de *Capital Nacional do Calçado Masculino*.

Franca assistiu a uma verdadeira febre em torno do calçado no início dos anos 60[...] afirmação do título de “capital nacional do calçado masculino”, instituição do “Dia do

Calçado Francano” e a proposta de realização da Exposição Biental quase uma década a criação da Franca¹ (BARBOSA, 1998, p. 50).

Além das feiras e dos eventos, inicia-se também uma fase em que os proprietários das da Indústria de Calçados do Estado de São Paulo em Franca, antecipando em grandes indústrias locais buscam modernidades e aprimoramentos técnicos para suas fábricas.

A porcentagem de trabalhadores qualificados por cursos técnicos era insignificante. Vale ressaltar que muitos operários das indústrias eram ex-trabalhadores rurais que vieram para a cidade, fugindo da crise da agricultura e atraídos pela expansão industrial.

A realidade das indústrias nos dias de hoje não é muito diferente da realidade observada há décadas, pois a área calçadista ainda absorve grande contingente de mão-de-obra não especializada. “Franca, ainda hoje, é um atrativo para a busca de um novo emprego, ainda que com salário baixo” (CANÔAS, 2007, p. 122).

Nos anos 90, com a implantação do Plano Real², o governo brasileiro implantou medidas de estabilização dos preços. Esta medida juntamente com outros fatores, refletiu diretamente sobre a atividade produtiva e sobre o nível de emprego.

¹ A Franca foi constituída na década de 70, em Franca, a partir da realização da primeira feira de calçados promovida pela Prefeitura local e um grupo de fabricantes, em 1969, com o objetivo de promover a principal atividade da cidade. Após alguns anos, com o crescimento contínuo da feira,

até então regional, transferiu-se o evento para São Paulo no início da década de 80 e, conseqüentemente, também a sede da empresa organizadora. Maiores informações sobre a Franca podem ser obtidas em: FRANCA FEIRAS E EMPREENDIMENTOS. Disponível em: <<http://www.franca.com.br>> Acesso em: 29 ago. 2007.

² O Programa de Estabilização Econômica ou Plano Real, como também é chamado, foi concebido e foi implementado em três etapas: a) o estabelecimento do equilíbrio das contas do Governo, com o objetivo de eliminar a principal causa da inflação brasileira; b) a criação de um padrão estável de valor que denominamos Unidade de Valor -URV; c) a emissão desse padrão de valor como uma nova moeda nacional de poder aquisitivo estável -o Real. FAZENDA. Plano Real - Exposição de Motivos da MP do Plano Real. Disponível em: <<http://www.fazenda.gov.br/portugues/real/realem.asp>>. Acesso em 28 set. 2007.

No decorrer dessa década e com a chegada dos anos 2000, o setor calçadista tomou novo fôlego e se recuperou dos abalos sofridos. Recebeu novos investimentos e voltou a ser um atrativo para as pessoas em busca de empregos. Apesar da recuperação do início dos anos 2000, novas crises voltaram a atormentar o setor em meados dessa década.

Atualmente, a crise vivida pelo setor calçadista francano dá-se pela combinação do câmbio valorizado com a competição chinesa, os chineses vendem produtos similares a um preço bem mais baixo e isso afeta diretamente o setor calçadista francano.

2 - O Dialogismo

O dialogismo, uma das linhas de pensamento do filósofo russo Bakhtin, sustenta a análise do discurso dos operários da indústria calçadista, coletado por meio de questionário e apresentado neste artigo.

Fiorin afirma que: “o dialogismo são as relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados” (2006, p. 19) e Barros nos diz que “Bakhtin concebe o dialogismo como o princípio constitutivo da linguagem e a condição de sentido do discurso” (2003, p. 2).

Assim, pode se afirmar que a língua tem a propriedade de ser dialógica.

“Todos os enunciados são dialógicos. Neles, existe uma dialogização interna da palavra, que é perpassada sempre pela palavra do outro. Na constituição do discurso, o enunciador leva em conta o discurso de outrem” (FIORIN, 2006).

Os enunciados relacionam-se com a vida do enunciador e do ouvinte, ou seja, com o as experiências por eles vivenciadas.

Bakhtin afirma que tudo que é dito, tudo que é expresso por um falante, por um enunciador, não pertence só a ele. Em todo discurso são percebidas vozes, às vezes infinitamente distantes, anônimas, quase impessoais, quase imperceptíveis, assim como as vozes próximas que ecoam simultaneamente no momento da fala (BRAIT, 2003, p. 14).

Toda vez que um enunciador profere um discurso, ele leva em conta o discurso do outro que está presente no seu.

Todo enunciado possui um autor e isso faz com que se revele sua posição em relação ao discurso produzido. “A situação e os participantes mais imediatos determinam a forma e o estilo ocasionais da enunciação” (BAKHTIN, 2002, p. 114).

O sujeito, na construção da consciência, submete-se a um processo de assimilação e incorporação das vozes sociais e nesse processo, são incorporados várias vozes sociais uma vez que a realidade apresenta-se em um discurso heterogêneo. Por isso, o sujeito é constitutivamente dialógico, pois seu mundo interior é formado por vozes sociais distintas que podem tanto concordar quanto discordar entre si. “Há vozes que são incorporadas como voz de autoridade” (FIORIN, 2006, p. 56). Aquela em que se acredita de maneira incondicional. “Outras vozes são assimiladas como posições de sentido internamente persuasivas” (FIORIN, 2006, p. 56). Aquelas que dão opção de abertura para discussões são híbridas. Definir qual dessas vozes será predominante na constituição da consciência de cada indivíduo dependerá de sua história de vida.

“O sujeito é integralmente social e integralmente singular. Ele é um evento único, porque responde às condições objetivas do diálogo social de uma maneira específica, interage concretamente com as vozes sociais de um modo único” (FIORIN, 2006, p. 58).

É através da dialogização das vozes sociais encontradas em circulação na sociedade que o indivíduo se constitui.

3 – Descrição e análise de dados

Foram aplicados 40 questionários em quatro empresas³, consideradas de grande porte, ou seja, acima de 500 funcionários de acordo com a lista de associados do *Sindicato da Indústria de Calçados de Franca* no ano de 2008. Foram aplicados 10 questionários em cada empresa. Nossa opção por focar os operários das grandes indústrias se justifica pela hipótese de que, para estar atuando em uma grande indústria, o operário precisa estar qualificado e ter experiência na função, em razão da concorrência nas vagas.

Na empresa A, os 10 questionários foram entregues⁴ ao responsável pelo setor de Recursos Humanos da empresa que os entregou a dez operários escolhidos aleatoriamente que o responderam e o devolveram no dia seguinte.

Na empresa B, o questionário foi enviado via e-mail para o responsável pelo setor de RH que, após receber autorização de seu superior, aplicou os questionários, juntamente com uma pesquisa interna que estava sendo realizada no mesmo período. Decorreram cerca de quinze dias para estes questionários fossem devolvidos. Os entrevistados também foram escolhidos aleatoriamente.

A empresa C permitiu que esta pesquisadora fosse até lá para a realização das entrevistas. Foi cedida uma pequena sala onde os questionários foram preenchidos. A empresa colocou um menor aprendiz para ir até a produção escolher um operário de cada vez para ser entrevistado. Todo o processo foi supervisionado pelo psicólogo da empresa.

A empresa D causou muito empecilho à realização da pesquisa. Foram necessárias cinco conversas pelo telefone, uma explicação via e-mail, uma conversa pessoalmente e um ofício para que o responsável de setor de RH compreendesse que a realização das entrevistas era de fundamental importância para a conclusão desta pesquisa, mesmo salientando a garantia do anonimato. Após um mês de muita insistência, os questionários foram distribuídos, pela

³ Não mencionaremos os nomes das empresas, nem os nomes dos operários que participaram da pesquisa. Denominaremos as empresas por A, B, C e D de acordo com a ordem em que foram realizadas as entrevistas, garantindo o anonimato de empresas e participantes, conforme acordo feito entre pesquisadora e pesquisados, por ocasião da coleta de dados.

⁴ A entrega dos questionários para a empresa obedeceu o solicitado pelo pessoal de recursos humanos de cada empresa.

responsável pelo setor de RH, aos funcionários, que os responderam e os devolveram à referida funcionária.

O questionário aplicado é composto de 12 questões, sendo 3 questões fechadas e 9 abertas dentre as quais constam questões de cunho sócio-culturais e questões específicas a respeito da área calçadista.

A média de idade dos entrevistados é de 31,45 anos, tendo o mais novo deles 20 anos e o mais velho 51 anos. Esta ampla faixa etária verificada é relevante para nossa pesquisa, pois se pode observar tanto o comportamento de quem possui anos de experiência no ramo calçadista, quanto daqueles que estão iniciando carreira profissional neste setor.

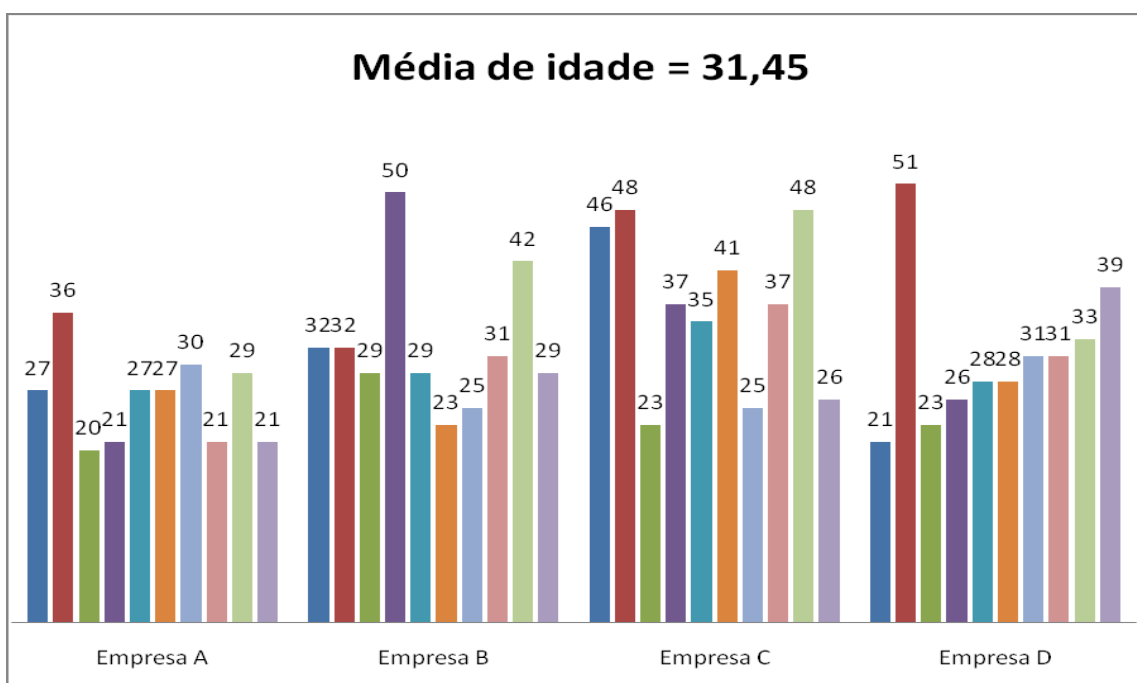


Figura 1. Idade dos participantes da pesquisa.

Quanto ao sexo, 47,5% são do sexo feminino e os outros 52,5% dos entrevistados são do sexo masculino. Esta distinção entre os sexos é interessante para observarmos como homens e mulheres se constituem enquanto operários da indústria de calçados.

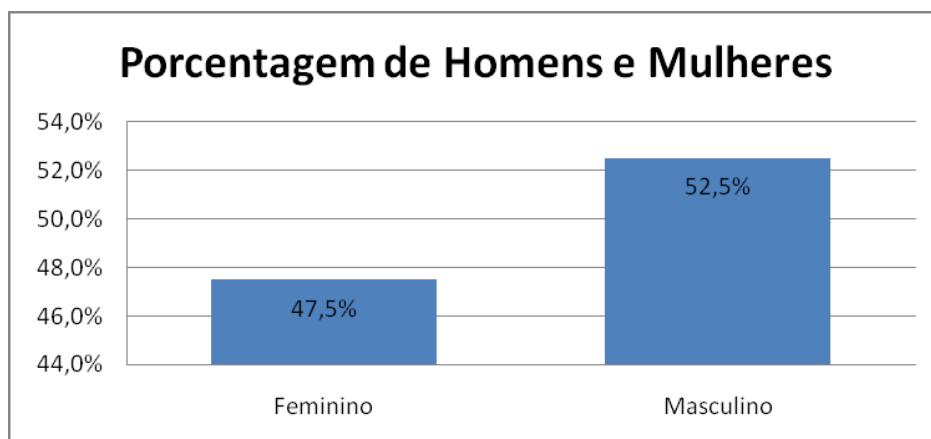


Figura 2. Porcentagem de homens e mulheres pesquisados.

O histórico familiar dos operários é bem interessante e através dele podemos concluir que 90% dos entrevistados provêm de famílias cuja profissão é ligada ao calçado. Dos 90% de familiares que também trabalham ou trabalharam no ramo calçadista verificamos que, em 12, 5% dos casos, era o pai, 2,5%, a mãe, 20%, a esposa ou esposo, 5% os filhos e em 50% dos casos os irmãos.

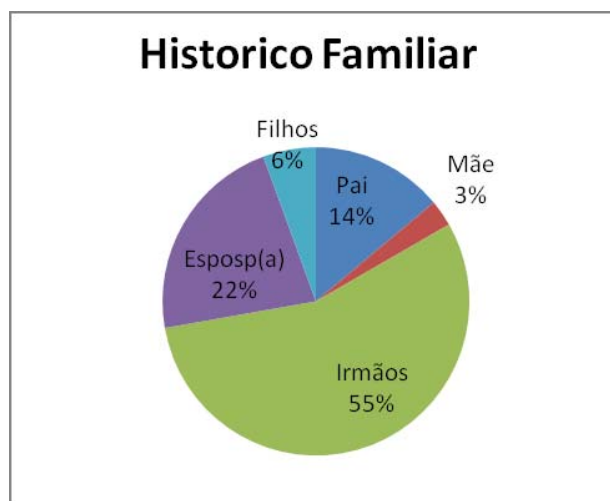


Figura 3. Histórico familiar dos participantes da pesquisa.

Estes dados nos mostram que esta característica familiar tende a continuar, pois os conhecimentos vão sendo transmitidos entre os membros da família como uma forma de garantia de emprego dos mais jovens no futuro. Apenas 10%, ou seja, 4 entrevistados, advêm de famílias sem antecedentes de

peças com profissões ligadas ao calçado, dado este que comprova que o histórico familiar influencia o sujeito a trabalhar em indústrias de calçados.

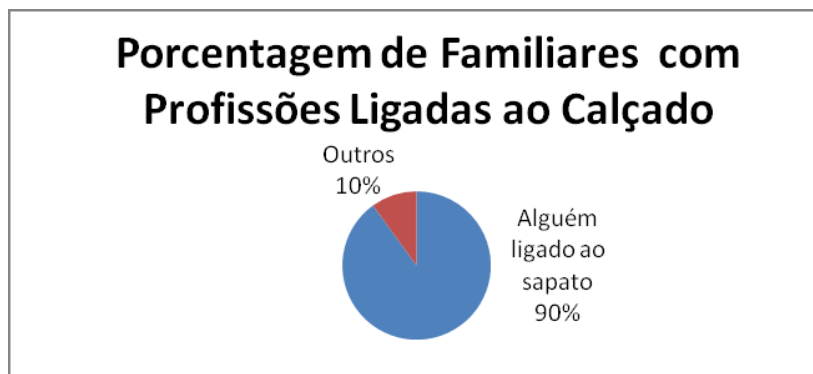


Figura 4. Porcentagem de familiares dos pesquisados com profissões ligadas ao calçado.

O nível de escolaridade verificado é baixo: 17,5% dos entrevistados apenas concluíram da 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental, 27,5% deles declararam ter da 5ª a 8ª séries do Ensino Fundamental incompletas, 32,5% possuem Ensino Médio completo, 15% iniciaram o Ensino Médio, mas não concluíram e apenas 7,5% estão cursando o Ensino Superior. Assim verificamos que os operários pesquisados não tiveram muita oportunidade ou não se dedicaram ao estudo.

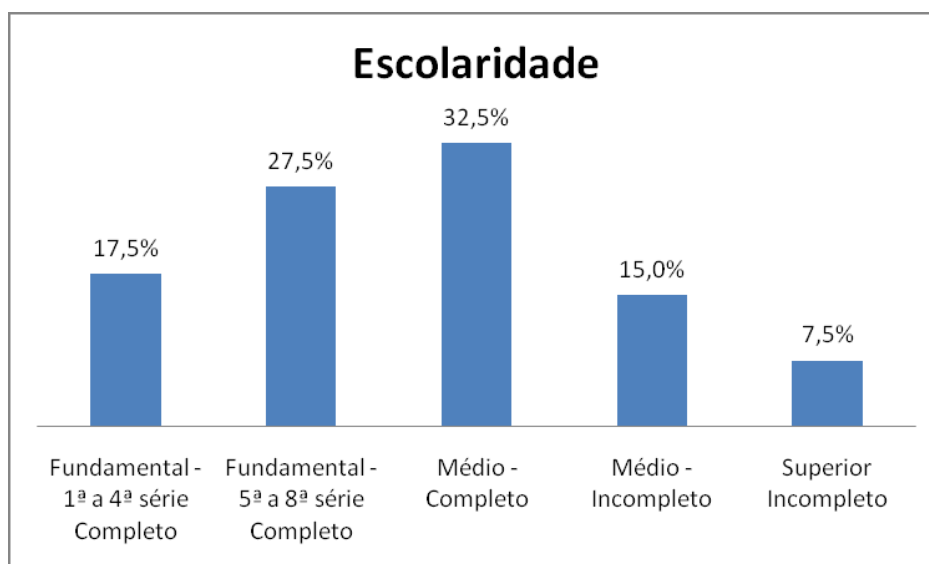


Figura 5. Nível de escolaridade dos participantes da pesquisa.

As funções exercidas pelos entrevistados são muito variadas. Entrevistamos 40 operários de 20 funções distintas. Todas essas funções sempre relacionadas ao chamado “chão de fábrica”, ou seja, aquelas funções essenciais para fabricação do calçado. As funções exercidas pelos operários entrevistado estão relacionadas a seguir:

Auxiliar de almoxarifado, Auxiliar de expedição, Auxiliar de pesponto, Auxiliar de preparação, Auxiliar de produção, Auxiliar de supervisão, Colador, Conferidor, Coordenador de consertos, Coringa, Cortador de forro, Costurador na forma, Costurados manual, “Estringadeira”, Inspetor de qualidade, Operador de calceira, Pespontador, Revisor de pesponto, Serviços externos e Sub-chefe de sessão.

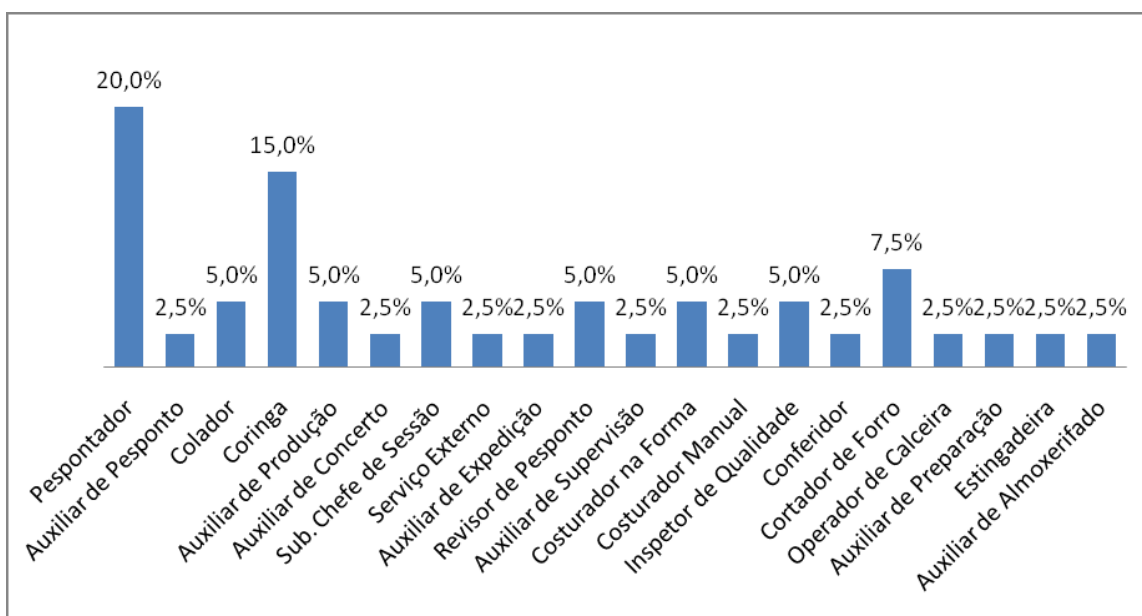


Figura 6. Funções exercidas pelos participantes da pesquisa.

Quando questionados sobre realização de cursos técnicos voltados exclusivamente para a área calçadista, 57,5% dos entrevistados declararam nunca ter cursado um. Dos 42,5% que declararam ter realizado cursos técnicos, apenas metade, ou seja, 21,25% foram realmente na área calçadista, a outra metade, os outros 21,25% também declararam ter realizado algum curso, porém, cursos como informática, inglês, enfermagem entre outros.

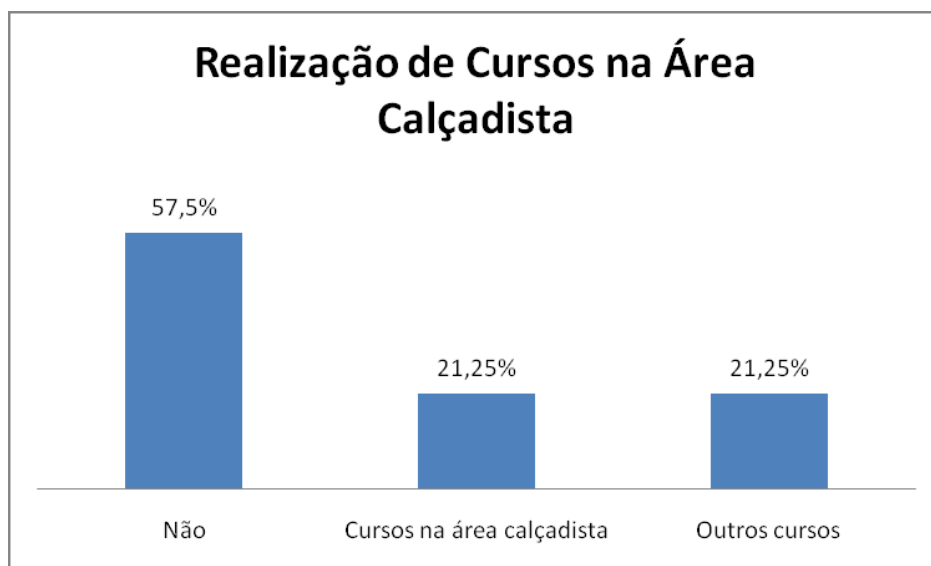


Figura 7. Realização de cursos técnicos na área calçadista.

Os 21,25% que realizaram os cursos técnicos disseram que a realização foi importante para eles como podemos observar nas afirmações a seguir:

“Me ajudou muito a melhorar na área calçadista onde pude perceber que com qualidade e amor no que fazemos, vamos longe” (Empresa D).

“Super importante porque através deles consegui emprego e isso está ajudando a pagar o curso superior” (Empresa C).

“O curso lhe abre visões antes não perceptíveis. Embora a maioria deles se concentre só na área da teoria, acredito que prepara o psicológico pessoal para quando entramos realmente numa empresa. A vida profissional se torna mais fácil e a prática só vem agregar” (Empresa B).

Uma outra questão realizada foi “Você acha importante realizar cursos técnicos?”. 92,5% responderam que *sim*, 2,5% responderam que *não* e 5% não responderam essa questão.

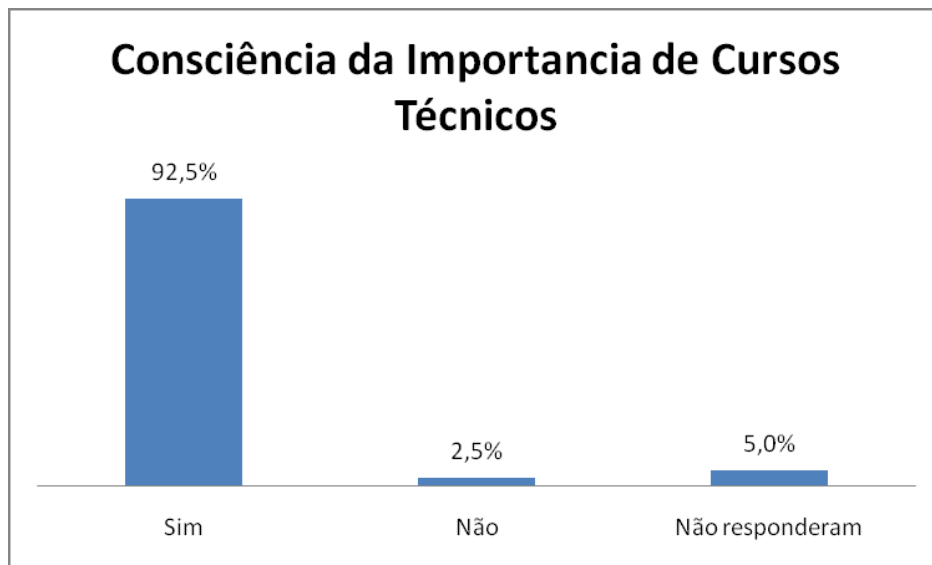


Figura 8. Consciência dos pesquisados sobre a realização de cursos técnicos.

Portanto, verificamos que a grande maioria dos operários sabem da importância da realização de cursos técnicos, ou seja, eles sabem que é preciso ser qualificado.

A pergunta seguinte era se os operários da indústria calçadista pretendiam realizar algum curso técnico, e embora 92,5% tenham afirmado que achavam a realização de cursos técnicos importante, 37,5% responderam que pretendem realizar algum curso em breve. 22,5% declaram que não pretendem realizar nenhum curso técnico e 40% disseram que pretendem realizar um curso, dependendo das condições.

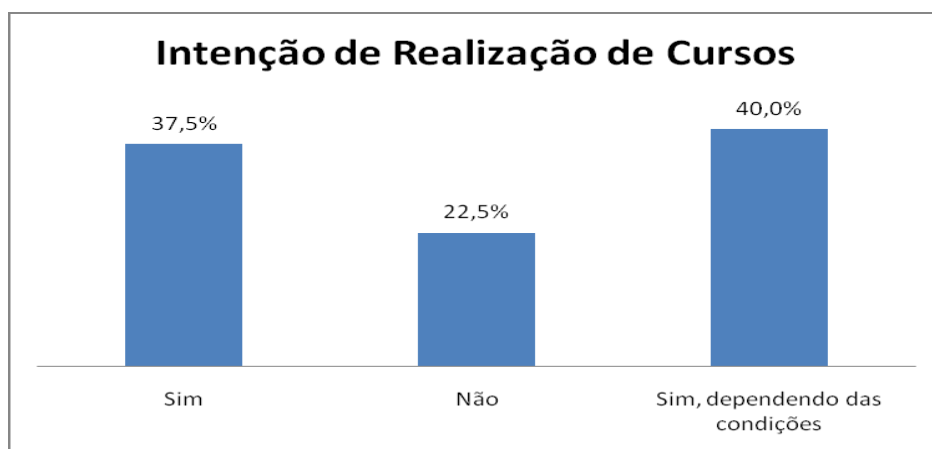


Figura 9. Intenção dos pesquisados sobre realização de cursos técnicos específicos da área calçadista.

Portanto, observamos que os operários entrevistados são conscientes da importância da qualificação para suas vidas profissionais. Não podemos afirmar se os operários da indústria não fazem cursos por comodismo, ou se realmente lhes falta oportunidades.

Quando interrogados sobre realização de trabalhos informais no início da carreira, 52,5% disseram ter realizado algum tipo de trabalho informal relacionado ao calçado com duração entre 1 mês e 10 anos.

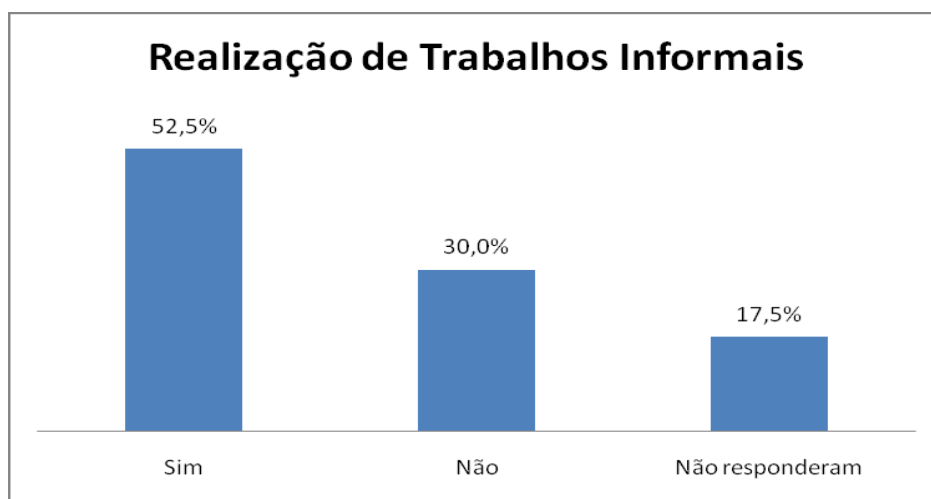


Figura 10. Realização de trabalhos informais no início da carreira.

Através desse dado, observamos que alguns operários chegam a passar quase um terço de sua vida profissional trabalhando sem registro e sem ter direitos a nada. 30% afirmaram nunca ter realizado trabalho informal e 17,5% não responderam a essa questão.

90% dos entrevistados declararam ter recebido auxílio de alguém com experiência em indústria de calçados que lhes ensinaram o ofício no início da carreira.

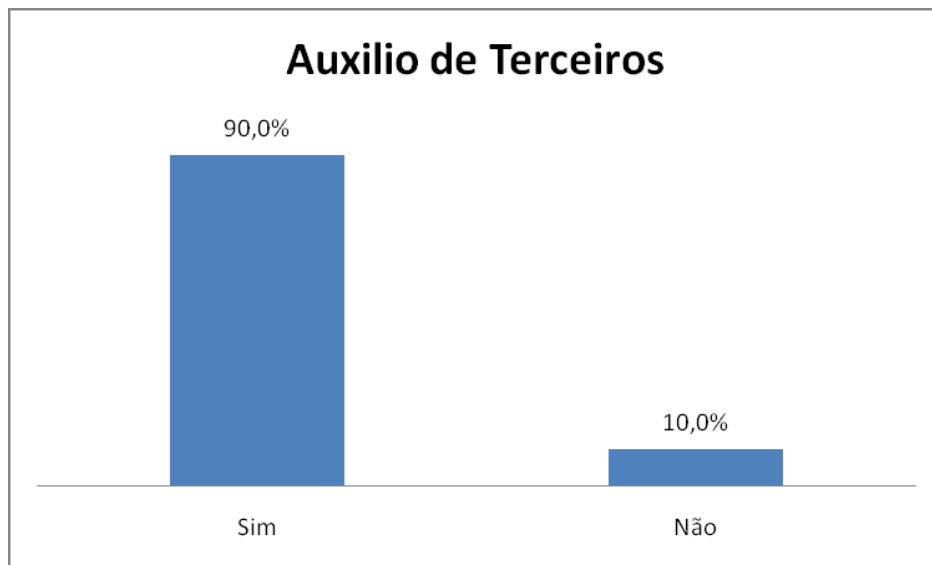


Figura 11. Porcentagem de pesquisados que receberam auxílio de alguém experiente no início de suas carreiras.

17,5% acreditam valer mais a pena aprender o ofício em cursos técnicos, 52,5% responderam que o melhor é aprender o ofício na prática com o auxílio de alguém com experiência em trabalhar com calçados e os outros 30% declararam que seria bom aprender o ofício juntando a teoria dos cursos técnicos com a prática.

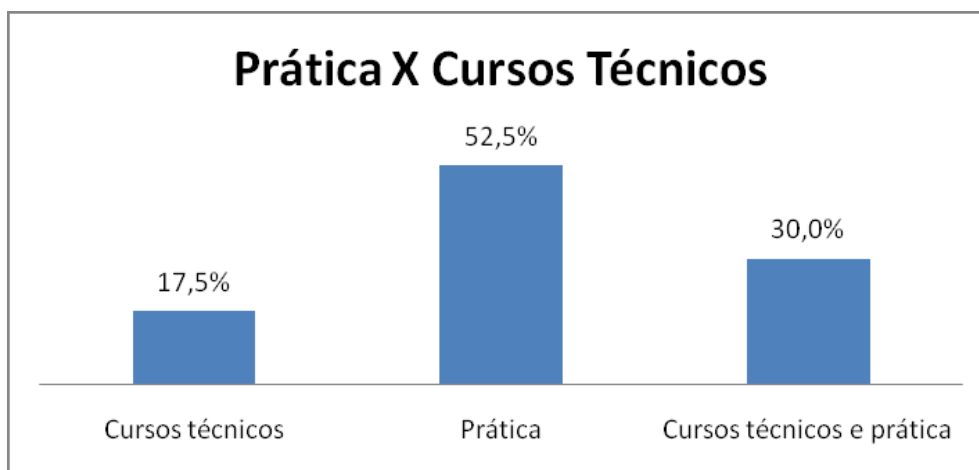


Figura 12. Porcentagem de entrevistados que preferem aprender o ofício na prática.

Através da observação dos dados obtidos nesta questão, verificamos que embora em questões anteriores 92,5% dos operários terem declarado que acham a realização de cursos técnicos importante, na prática, o mais importante é aprender o ofício com alguém que já saiba muito bem.

A última questão era “Você se preocupa em ensinar o que sabe a alguém?”. Através dela concluímos que: 9,10% se preocupam em ensinar a esposa ou esposo, 13,69% os parentes, 18,21% os filhos, 19,2% os amigos e grande maioria, 39,8% os amigos sem experiência.

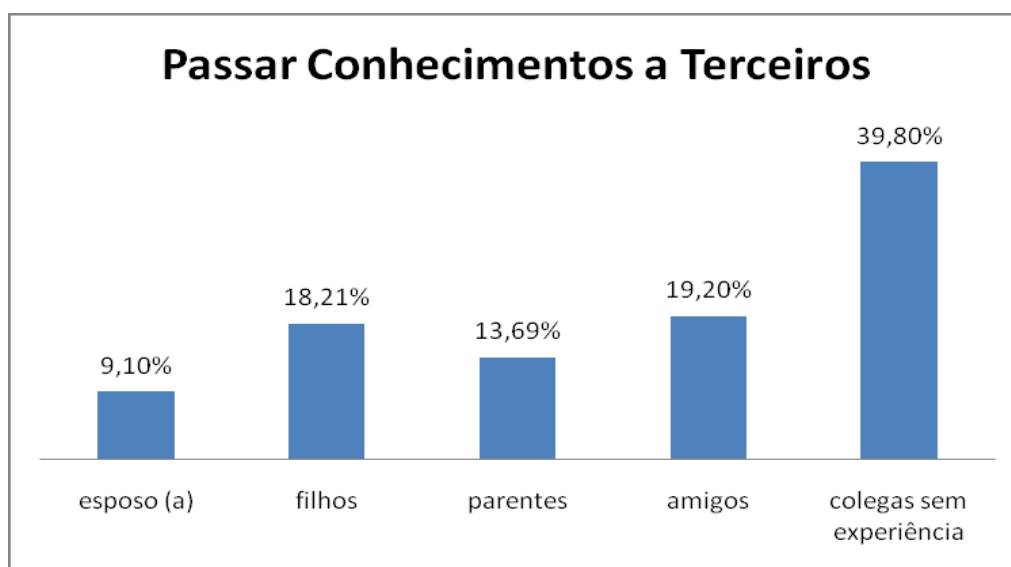


Figura 13. Preocupação dos participantes da pesquisa em transmitir conhecimentos a terceiros.

Com isso concluímos que a característica de transmitir conhecimentos entre os membros da família e conhecidos tende a continuar e que os operários da indústria se preocupam em ensinar o ofício aos colegas novatos sem experiência, provavelmente por terem recebido auxílio no início de suas carreiras.

Referências:

- BAKHTIN, Michail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Hucitec, São Paulo: 2002.
- BARBOSA, A. de S. **Empresário e capital na indústria de calçado de Franca – SP:(1920 – 1980)**. Franca: Uni-FACEF, 2007. Disponível em: <http://www.facef.br>. Acesso em: 29 set. 2007.

- BARBOSA, A. de S. **Política e modernização em Franca: 1945 – 1964**. Franca: UNESP, 1998.
- BARROS, D. L. P. Polifonia e Enunciação. In: BARROS, D. L. P e FIORIN, J. L. (orgs.). **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade: em torno de Bakhtin**. 2ed. Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo: 2003.
- BRAGA FILHO, Hélio. **Distribuição da renda entre salários e lucros na indústria de calçados de Franca de 1994 a 2002**. Tese de Doutorado em Serviço Social. Faculdade de História, Direito e Serviço Social/UNESP. Franca: 2004.
- BRAIT, B. As vozes bakhtinianas e o diálogo inconcluso. In: BARROS, D. L. P e FIORIN, J. L. (orgs.). **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade: em torno de Bakhtin**. 2ed. Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo: 2003.
- CANOAS, J. W (org.). **Nas pegadas dos sapateiros: 65 anos do STIC: Sindicato dos trabalhadores da indústria de calçados**. UNESP. Franca: 2007.
- CERTEAU, Michel de et al. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1999. v. 1.
- FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.
- FIORIN, J. L. Interdiscursividade e Intertextualidade. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: outros conceitos – chave**. São Paulo: Contextos, 2006.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo. Edições Loyola, 1996.
- NALINI, Márcio Henrique Silva. **A contribuição do serviço social na construção da política pública: o papel da prática profissional**. Dissertação de Mestrado. UNESP, Campus de Franca. Franca: Unesp, 2005.
- OLIVEIRA, Lélío Luiz de. **Economia e história: Franca: Século XIX**. Franca: UNESP, 1997.
- OLIVEIRA, Lélío Luiz de (Coord.) **Trilhas Econômicas: Franca – passado e presente**. FACEF, Franca: 1999.
- STAN, Robert. **Bakhtin: da teoria literária à cultura de massa**. Ática, São Paulo: 2006.
- SUZIGAN, Wilson. **Sistemas Produtivos Locais no Estado de São Paulo: O caso da indústria de calçados de Franca**. Contrato IPEA/PNUD e Instituto de Economia/UNICAMP. Campinas: 2000.
- TOSI, P. G. **Capitais no Interior: Franca e a história da indústria coureiro – calçadista (1860 – 1945)**. UNESP. Franca: 2002.
- VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. Martins Fontes: São Paulo, 2003.
- YAGUELLO, M. Introdução. In: BAKHTIN, Michail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Hucitec, São Paulo: 2002.

